

## COMO NASCE UM NEOLOGISMO

José de Souza Meirelles Filho

Embora sejam numerosos novos vocábulos em qualquer idioma, creio ser raro um neologismo em que se registra o dia e hora exatos em que foi criado. Ainda que o neologismo a relatar não conste nos dicionários, acredito que não tardará a ser incorporado oficialmente ao nosso idioma. É o seguinte.

Num belo dia nos idos da década de 40 eu estava como residente encarregado do “plantão da porta” do PS do Hospital das Clínicas. A função era atender todos os casos, tratar os que fossem de minha competência e encaminhar os demais aos respectivos especialistas. Para esta tarefa contávamos com o inestimável auxílio do João-pé-de-valsas, competente auxiliar de enfermagem que frequentemente nos encaminhava o paciente já com um diagnóstico provisório quase sempre correto. – --“Doutor, chegou uma fratura de fêmur ou hemorragia gástrica ou aborto incompleto, etc.”.

Nesta noite, o João apareceu na sala dos médicos meio frustrado, anunciando que chegara uma ambulância que trazia uma jovem inconsciente e ele não sabia do que se tratava. Pedi que a encaminhassem à sala de exames acompanhada da mãe a fim de prestar esclarecimentos sobre o caso. A pobre senhora, aos prantos, relatou que a louca da filha após ter rompido com o namorado tentou o suicídio ingerindo... manga com leite! Após a ingestão do mortal veneno a paciente perdeu os sentidos e continuava desmaiada. Lá estava ela, inerte, esperando a morte a fim de atirar seu cadáver às portas do namorado ingrato!

Delmonte Bittencourt, nosso companheiro de residência, estava presente na sala e acompanhou o drama. Culto, inteligente, era o excepcional cirurgião que juntamente com Virginelli constituíram o braço direito do Prof. Zerbini. Acredito não ser ele membro da Academia por nos ter deixado tão cedo. Aliás, falando em cirurgia cardíaca, tive oportunidade de testemunhar quando de plantão no PS do HC, uma cirurgia cardíaca pioneira ainda na década de 40. Ruy Ferreira Santos ao atender um menino baleado com o projétil alojado no coração e em estado pré-agônico, rapidamente abriu-lhe o tórax e o miocárdio, retirou a bala, estancou a hemorragia e salvou-lhe a vida.

Voltando à nossa suicida.

Bittencourt comoveu-se com o estado da mãe e com autoridade, gentileza e seu inegável senso de humor, disse a ela que não precisaria se preocupar. Tratava-se de uma doença descrita recentemente por dois cientistas alemães chamados Billie e Pack. Doença que recebera o nome dos seus descobridores é facilmente tratada com

aplicação de uma injeção especial, logo sua filha estará bem. Tiveram que conter a boa senhora para que ela não se atirasse aos pés do Bittencourt cobrindo-os com lágrimas de gratidão.

“Síndrome de Billie e Pack” nos pareceu uma denominação bastante apropriada. Passamos a usa-la ao invés do que erradamente denominávamos de HY (hysteria) quando atendíamos casos com grande componente emocional. O termo em breve transpôs os limites do PS, passou a ser adotado em todo o hospital já então com corruptela, passando a ser denominado, bilipaque. Daí para se espalhar pelos consultórios da cidade não demorou como também não demorou para ultrapassar os limites da cidade, do estado, logo alcançando todo o Brasil, já com nova corruptela, passando a ser chamado de piripaque. Este termo é usado hoje por todas as camadas sociais, inclusive pela imprensa, rádio e TV. A expressão é tão popular que não me surpreenderia se logo passasse a figurar numa próxima edição do Aurélio ou do Houaiss.

Como testemunha do fato, reivindico o crédito deste neologismo para o inesquecível Delmonte Bittencourt.